

# pesquisa na fea – Economia



## Migração e Mudança de Cultura Agrícola: Evidência do Brasil Usando um Modelo de Equilíbrio Espacial

GABRIEL FACUNDES MONTEIRO

*Dissertação de Mestrado*

*Orientadora: Paula Carvalho Pereda*

*Banca: Ariaster Baumgratz Chimeli, Juliano Junqueira Assunção, Eduardo Amaral Haddad, Jacqueline Maria de Oliveira*

*Link: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-19012022-184059/pt-br.php>*

### Resumo

As previsões de mudanças climáticas para o Brasil apontam para mudanças de temperatura consideráveis e espacialmente heterogêneas. É provável que isso estimule migração e mudanças espaciais nos padrões de cultivo. Desenvolvemos, então, um modelo estimável único que integra migração e adaptação agrícola como respostas às mudanças climáticas. Nosso modelo considera que a escolha da localização dos trabalhadores é impactada pelas mudanças climáticas por meio de três canais: um canal direto de valor-amenidade, bem como os canais indiretos de salários agrícolas e de custos de habitação. Os impactos dos canais indiretos são afetados pela forma como os agricultores se adaptam ao novo clima. Nossas simulações preveem um aumento de até 18,25% nas taxas de migração em nível de microrregião, com quase nenhum efeito de mudanças de culturas agrícolas. Por outro lado, a adaptação agrícola tem impactos importantes no emprego na agricultura. Prevê-se que a macror-

região Sul terá um aumento na porção de emprego da agricultura quando os agricultores mudam os padrões de cultivo, o que inclui uma redução na área agrícola dedicada à produção de milho e um aumento na área dedicada ao café na região. Nossos resultados ajudam a identificar as populações mais vulneráveis às mudanças climáticas, assim como as regiões de onde pode vir a maior parte dos ganhos com a adaptação agrícola.

## Experimentos no Escritório: Uma História da Microeconometria e Avaliação de Programas em Princeton

---

ARTHUR BRACKMANN NETTO

*Tese de Doutorado*

*Orientador: Pedro Garcia Duarte*

*Banca: Orley Clark Ashenfelter, Marcel Boumans, Kevin Douglas Hoover*

*Link: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12140/tde-10012022-122433/pt-br.php>*

### Resumo

---

Esta tese tem a intenção de se somar aos esforços recentes de economistas e historiadores em contar a história da microeconometria. Isso acontece por meio de uma narrativa que conecta a ascensão da avaliação de programas no governo dos Estados Unidos e na Universidade Princeton. Começando com o fato de que a maioria dos economistas não tem nenhum controle sobre o processo de geração dos dados utilizados em suas análises aplicadas, o argumento se desenrola para destacar o papel dos economistas como observadores passivos. A análise se desenvolve destacando como esse conceito resume a responsabilidade da econometria por dados não experimentais. A tese narra como, desde a década de 1950, os economistas sabem que não podem intervir nos dados que analisam e devem estar preparados para lidar com qualquer problema inerente à coleta externa de dados. Usando métodos bibliométricos e fontes secundárias, a tese argumenta que a microeconometria emergiu da mudança de compreensão das observações passivas como simultaneidade para as observações passivas como variáveis omitidas. Este argumento holístico é contrastado com uma micro-história das instituições governamentais dos EUA para avaliação de programas e da Seção de Relações Industriais de Princeton. Assim, conta como, na década de 1970, a pobreza estava aumentando nos Estados Unidos e os economistas estavam mais preocupados com ela do que com o aspecto teórico e filosófico das observações passivas. Nas organizações do governo dos Estados Unidos, a avaliação do programa passou de um tema qualitativo nas ciências sociais para um problema quantitativo dentro da economia. A tese segue de perto esse desenvolvimento usando metodologias de processamento de lingua-

gem natural, arquivos do governo dos Estados Unidos e histórias orais de membros do *Office of Economic Opportunity*. A partir dessa narrativa, a tese mostra como a avaliação de programa sai do governo e vai para o interior de um departamento de economia, mais especificamente a Seção de Relações Industriais de Princeton. Olhando de perto o departamento, a tese contrasta as soluções de dois jovens estudiosos de Princeton para o problema das variáveis omitidas, o modelo de seleção de James Heckman e o estimador de diferenças em diferenças de Orley Ashenfelter, para demonstrar que o confronto entre randomistas e modeladores estruturais é um artifício criado a partir de duas soluções para o mesmo problema. Bibliometria (utilizando a metodologia inovadora de redes relacionadas), evidências primárias e secundárias demonstram que as soluções não eram concorrentes nos primeiros dias de variáveis omitidas, e que a concorrência resultou de uma mudança de contextos dos principais autores. Por fim, ainda de um ponto de vista de dentro do departamento, a partir de nove entrevistas realizadas com atores da Seção de Relações Industriais das décadas de 1970 e 1980, a tese analisa como os experimentos naturais se desenvolveram gradativamente dentro do departamento, sem revoluções ou reviravoltas. A tese conclui mostrando como as tarefas corriqueiras da vida acadêmica de Ashenfelter e seus alunos transformaram a economia.